



Ciências sociais e agronomia: diálogo entre saberes de estudantes de pós-graduação

Social sciences and agronomy: dialogue between graduate students' knowledge

SOUZA, Diego Marcos Borges Gomes de¹; BENSADON, Lígia Scarpa²;
GOULART, Bruna Carolina da Silva³.

¹ CPDA/UFRRJ, diegoeki98@gmail.com; ² CPDA/UFRRJ, ligiasb@ufrj.br; ³ CPDA/UFRRJ, brunacsgoulart@gmail.com.

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Os autores deste texto desenvolvem uma reflexão sobre os estudos teóricos da agroecologia a partir de estudos no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Sociedade, Desenvolvimento e Agricultura, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ), destacando alguns aprendizados e o diálogo com suas experiências anteriores no campo da agronomia e das ciências sociais. Percebemos a aproximação da produção de conhecimento agroecológico por atores diversos, acadêmicos e populares, dentro e fora do Brasil, num processo contínuo de co-produção entre sociedade, natureza, política e ciência.

Palavras-chave: conhecimento agroecológico; co-produção; interdisciplinaridade.

Introdução

Este texto parte da proposição de estudantes da disciplina de “Agroecologia e Ciências Sociais”, coordenada pela professora Claudia Job Schmitt, no formato presencial, no CPDA/UFRRJ. A partir da proposta da disciplina de refletir sobre a produção do conhecimento no campo da agroecologia nas últimas décadas, relacionando com as abordagens teóricas e metodológicas do campo das Ciências Humanas e Sociais, nos propomos a retomar estes estudos, destacando alguns aprendizados, dialogando com autores para articular com a nossa trajetória pretérita no campo da agroecologia, como militantes, estudantes e pesquisadores. A partir destas reflexões, pretendemos fazer uma reflexão sobre como a sala de aula pode ser um espaço de (co)produção de conhecimentos, articulando saberes diversos, interdisciplinares e as dimensões teóricas e práticas.

A presente reflexão também é uma forma de sistematizar, consolidar e socializar alguns aprendizados e apropriações dos debates acadêmicos, bem como as experiências diversas que cada um de nós carrega. A sala de aula foi um encontro não apenas do acaso, mas de trajetórias de vida, lutas e expectativas no campo agroecológico.



O encontro se deu na citada disciplina, mas ressaltamos algumas situações que contribuíram para aproximações e que, de forma geral, explicam o lugar de fala dos autores, norteando as reflexões aqui apresentadas: Bruna e Lígia são doutorandas e Diego é mestrando, todos com ingresso em 2022 no CPDA/UFRRJ. Bruna e Lígia estudaram anteriormente no mestrado o tema da agroecologia relacionado às construções de conhecimento junto de agricultores e técnicos, na UFV e no CPDA/UFRRJ, respectivamente. Bruna e Diego têm formação em agronomia, na UFRRJ e na IFPA, respectivamente, ambos com atuação na Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB), com experiências sobre práticas agroecológicas junto a agricultores e povos tradicionais nas diversidades ambientais e culturais de Minas Gerais e do Pará, nessa ordem. A partir dessas experiências pessoais, estudamos conjuntamente vários textos sobre a agroecologia.

Metodologia

A metodologia parte da retomada dos estudos teóricos e qualitativos na disciplina “Agroecologia e Ciências Sociais”, realizada no segundo semestre de 2022, no CPDA/UFRRJ, que trouxe em sua ementa um conjunto de diálogos e intersecções inter e transdisciplinares entre a agroecologia e as ciências sociais, em específico abordando a emergência e as mudanças da agroecologia como campo do conhecimento; os processos de transição agroecológica; as dinâmicas de institucionalização da agroecologia e a relações com a soberania alimentar, as transformações tecnológicas e as mudanças climáticas (SCHMITT, 2022). Retomamos, então, parte das leituras, exposições e debates em sala de aula, os quais foram sistematizados e organizados proporcionando as reflexões apresentadas a seguir.

Resultados e Discussão

Uma primeira análise é que existe um importante debate e experiências consolidadas sobre a agroecologia, mas isso não significa, necessariamente, que a apropriação e a efetivação da produção acadêmica sobre a agroecologia estejam amplamente disponíveis e de fácil acesso. Sendo um campo amplo de conhecimentos, a agroecologia tem interfaces com a agronomia, a história, as ciências sociais, a administração, a antropologia e tantos outros, permeando autores que não, necessariamente, serão lidos por todos. Foi na disciplina “Agroecologia e Ciências Sociais” que pudemos aprofundar nossos estudos teóricos sobre a agroecologia, acessando leituras de vários autores que são referência neste campo do conhecimento (SCHMITT, 2022).



Existe o entendimento que o conhecimento agroecológico não é fruto apenas da academia, ele emana das práticas históricas e cotidianas de agricultores/as, camponeses/as, povos e comunidades tradicionais.

Autores como Altieri (2009), Hecht (2002), Gliessman (2009), Gutierrez (2005), Lutzenberger (1997), Petersen, Silveira, Fernandes e Almeida (2017), Pimbert, Moeller, Singh e Anderson (2021), Ploeg (2009) e Vogt (2007), por exemplo, mostraram a dimensão internacional da construção do conhecimento agroecológico no âmbito acadêmico, em distintos contextos territoriais e históricos de suas elaborações teóricas.

Em várias partes do mundo os problemas socioambientais aos processos e consequências da industrialização capitalista no campo [contaminações, desmatamento, desertificação, degradação dos solos, aumento da fome e da pobreza, exclusão social, entre outros), geraram a necessidade da formulação conceitual e prática da agroecologia, o que se acentuou nas três últimas décadas. Isso também reverbera como motivação de ingresso no campo agroecológico em vários de nós, seja na busca por apoiar processos de transição agroecológica, como agrônomos, seja para o acesso a alimentos saudáveis no contexto urbano, seja via pesquisa e militância com os movimentos sociais.

Diferente de outros países, a construção da agroecologia no Brasil destaca-se pelo aspecto sócio político, como movimento social que primeiro colocou o desenvolvimento rural e aspectos socioambientais na agricultura, lutando por sua institucionalização como política pública e ciência, provocando o envolvimento de uma série de atores sociais (WEZEL et al, 2009). É isso, por exemplo, que visualizamos ao estudar a trajetória da Articulação Nacional de Agroecologia, ao agregar movimentos sociais diversos, como dos agrônomos na FEAB, luta pela terra, feminista e pela democracia (BENSADON, 2016).

Em específico, na experiência dos autores na FEAB, que representa o movimento estudantil de agronomia no Brasil, de acordo com FEAB (2018), desde a década de 1950, a entidade vem pactuando a luta pela mudança de perspectiva política e social. Os temas que circundam a FEAB após o fim da década de 1970 foram a agricultura alternativa, iniciação científica, currículo e formação profissional, mantendo continuamente em seus congressos os fóruns. A FEAB entenda a agroecologia como uma ferramenta política, acreditando em uma agricultura que se proponha ao manejo ecológico dos recursos naturais, mediante formas de ação social coletiva como alternativa à atual crise civilizatória, estabelecendo formas de produção e consumo que contribuam para fazer frente a atual degradação do meio ambiente e aumento da desigualdade social. (FEAB, 2009)



Neste sentido, nas reflexões sobre as mudanças de perspectivas teóricas em curso de agronomia a nível nacional, destacam-se as divergências capitalistas entre campo-cidade e, principalmente, a modernização forçada proposta por modelos de produção agropecuários. Autores como Ploeg (2009) discutem as relações capitalistas e a diferença entre a agricultura empresarial e a agricultura camponesa, perpassando por reflexões teóricas que dialogam com as experiências coletivas a favor da valorização do campesinato, como vivenciamos na FEAB.

As reflexões de Ploeg (2009) destacam a centralidade da luta do poder camponês, luta simbólica e material, que trazem chaves analíticas sobre a produção capitalista, na qual a relação salário-trabalho é central e influencia a agricultura empresarial e camponesa. Para Ploeg (2009), o campesinato se apropria das oportunidades produtivas, muitas vezes com pouco acesso à terra. A construção e desenvolvimento contínuo do campesinato se baseia na sua capacidade de inovação do capital ecológico, ao que vai na contramão da destruição da base de recursos e agregação de valor.

Assim, abordar a temática da agricultura familiar camponesa diversificada e sua batalha de resistência no ambiente rural diante do avanço das grandes corporações globais no setor agroalimentar, as quais impõem modelos comerciais desiguais, configura um progresso paralelo às vivências dos grupos estudantis que defendem o fortalecimento da agricultura familiar e a incorporação de abordagens distintas nos currículos dos cursos de agronomia e áreas afins ligadas à produção de alimentos, tendo a FEAB como um exemplo representativo.

Isso se exemplifica em nossa atuação profissional, a exemplo do Método LUME, que contribui como ferramenta na geração de dados de pesquisa em agroecossistemas. Direcionado pelo enfoque agroecológico, o método apresenta sua análise baseada em uma visão holística, com produção coletiva de conhecimentos e desdobramentos capazes de permitir uma análise crítica econômico-ecológica. Deste modo, gera-se visibilidade às relações que singularizam os modos de produção dentro dos agroecossistemas, assim como revelar dimensões da vida social e do trabalho ocultadas no modo de produção agrícola hegemônico (PETERSEN, SILVEIRA, FERNANDES, ALMEIDA, 2017).

O método LUME contribui com o enriquecimento da literatura relacionada ao tema da agroecologia, uma vez que dá ênfase a cenários relacionais normalmente invisibilizados por análises convencionais. Ao mesmo tempo, cria um diálogo com a interface natureza-sociedade, disseminando um caminho de práticas inovadoras que vão além da dimensão técnica. A abordagem do método é eficiente na articulação entre os graus de autonomia, responsividade, aspectos de integração social, protagonismo de mulheres e da juventude. Uma das virtudes da metodologia é a sua capacidade de análise participativa do ambiente político em que os agricultores estão inseridos. Atua, ainda, como um instrumento para



autoavaliação dos agricultores, permitindo que se reflita sobre como estão atuando e as possíveis formas de mudanças. O método tem como princípio o diálogo com teorias críticas da Economia Ecológica, da Economia Política e da Economia Feminista. A importância da visibilidade do trabalho de cuidado desempenhado por mulheres, por exemplo, se configura como um passo à frente no enfrentamento das desigualdades de gênero que se disfarçam na neutralidade das análises econômicas hegemônicas.

O método LUME surgiu com a intencionalidade de se obter uma comparação entre as formas de manejo de produção agroecológica com as formas de manejos tradicionais de caráter técnico econômico de agroecossistemas (GOMES de ALMEIDA, 2001; GOMES de ALMEIDA; FERNANDES, 2005). Assim, a utilização do Método LUME permite integrar o conhecimento dos agricultores/as e acadêmicos em processos formais e informais de produção de conhecimento acerca das realidades agrárias e dinâmicas de desenvolvimento rural.

Conclusões

Uma primeira aproximação ao relacionar teoria e prática na agroecologia é perceber que essa produção de conhecimento necessariamente envolve uma imbricação entre natureza e sociedade, como prática social envolta em múltiplos elementos da vida (JASANOFF, 2004). Esse processo disputa poder e protagonismo, como visto desde a formação acadêmica na área agrônômica, nas metodologias de assistência técnica aos agricultores, como no método LUME e, ainda, nos espaços de representação política, como a FEAB.

Neste sentido, como traz Jasanoff (2004), estes casos de emergência da agroecologia expressam a interdependência entre a ciência, a cultura, a natureza e a sociedade. A agroecologia cada vez mais abre uma disputa política de sociedade, expressada na produção de alimentos, na relação sociedade e natureza e na geração de conhecimentos de forma horizontal e representativa, para alterar a lógica hegemônica a favor da justiça e do bem viver.

Agradecimentos

Agradecemos a professora Claudia Job Schmitt por provocar o debate entre a agroecologia e as ciências sociais dentro e fora do CPDA/UFRRJ.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **El estado del arte de la agroecología**: revisando avances y desafíos. Vertientes del pensamiento agroecológico: fundamentos y aplicaciones. Medellín: SOCLA, 2009.



BENSADON, Lúgia. Tecendo projetos políticos: a trajetória da Articulação Nacional de Agroecologia. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FEAB, FEDERAÇÃO DE ESTUDANTES DE AGRONOMIA DO BRASIL – COORDENAÇÃO NACIONAL–UFMT Sinop! "Sobre a FEAB. 1.Coordenação Nacional 2017/2018 – UFMT Campus Sinop, 23 de maio de 2018. Disponível em: <https://feab.files.wordpress.com/2018/05/sobre-a-feab.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

GLIESSMAN, Stephen. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUTIERREZ, Mario. **Agriculturas para la vida: movimientos alternativos frente la agricultura química: un enfoque desde sistemas populares colombianos**. Cali: LED/CEPROID, 1995.

GOMES DE ALMEIDA, Silvio. **Monitoramento de impactos econômicos de práticas agroecológicas**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2001. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Termo-de-Referência.pdf>

GOMES DE ALMEIDA, Silvio; FERNANDES, Gabriel. B. Sustentabilidad económica de un sistema familiar en una región semiárida de Brasil. In: ASTIER, Marta; HOLLANDS, John (Ed.). **Sustentabilidad y campesinado: seis experiencias agroecológicas en Latinoamérica**. México: Grupo Interdisciplinario de Tecnología Rural Apropriada, 2005.

HECHT, Susanna. A evolução do pensamento agroecológico. **Agroecologia e Desenvolvimento**, CLADES - ASPTA, ano I, n. 1, ago, p. 5-20, 1993.

JASANOFF, Sheila. Ordering knowledge, ordering society. In: JASANOFF, S. **States of knowledge: the co-production of science and social order**. London and New York: Routledge, p. 13-45, 2004.

LUTZENBERGER, José. A. Colheitas e pragas, a resposta estará nos venenos? Texto publicado em dezembro de 1983 e revisado em julho de 1997. Fundação Gaia. Disponível em: <http://fgaia.org.br/texts/t-colheita.html>. Acesso em: 26/01/2023.

PETERSEN, Paulo; SILVEIRA, Luciano. M. da; FERNANDES, Gabriel. B; ALMEIDA, Silvio. G. de. **Método de Análise Econômico-Ecológica de Agroecossistemas**. Rio de Janeiro: ANA, AS-PTA, 2017.



PIMBERT, Michel. MOELLER, Nina. SINGH, Jasber. ANDERSON, Colin. Agroecology. Oxford Research Encyclopedias, ago, 2021. Disponível em: <https://oxfordre.com/anthropology/view/10.1093/acrefore/9780190854584.001.0001/acrefore-9780190854584-e-298>. Acesso em: 23/01/2023.

PLOEG, Jan. D. van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: PETERSEN, P. (org.) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, p. 17-31, 2009.

SCHMITT, Claudia. Ementa da disciplina “Agroecologia e Ciências Sociais” no CPDA/UFRRJ. Disponível em: <https://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2022/08/TE-em-NCS-Agroecologia-e-Ciencias-Sociais.pdf>. Acesso em 30/06/2023.

VOGT, Gunter. The origins of organic farming. In: LOCKERETZ, W. **Organic farming**: an international history. Oxfordshire/Cambridge: CABI, p. 9-29, 2007.